

FORMAÇÃO TÉCNICA E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: REFLEXÕES DE UMA PRÁTICA DOCENTE.

Queila Carla Ramos da Silva Alcantara ¹; Ana de Kássia da Silva ²; Gustavo Bruno Alcantara de Lima ³; Sebastião Soares de Lyra Netto ⁴; Rossana Carla Rameh de Albuquerque ⁵

¹Enfermeira. Mestranda em Educação e saúde. Hospital das Clínicas/PE. Recife (PE), Brasil.
E-mail: queilajc@gmail.com

²Enfermeira. Mestranda em Educação e saúde. Hospital Correia Picanço. Recife (PE), Brasil
E-mail: kassialyra@hotmail.com

³Bibliotecário. IFPE. Recife (PE), Brasil (PE), Brasil E-mail: gubralima@hotmail.com

⁴Licenciado em Física. Engenharia de Produção. Mestrando em Educação e saúde. PE- Brasil
E-mail: sebastiao.netto@gruppomg.com.br

⁵Doutora em Saúde Coletiva. Instituto Federal de Ciências e Tecnologias de PE. IFECT. Recife (PE), Brasil
E-mail: rorameh@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estágio Supervisionado é um procedimento didático-pedagógico integrativo ao currículo de um curso. O estágio promove o conhecimento a partir das vivências em diferentes práticas, favorecendo o exercício das ações para consolidar o aprendizado anterior, com oportunidade da integração teórico-prático, com conceitos interligados a realidade do curso (BRUM, 2017). É exigido pela Lei 9394/96 LDB, onde os sistemas de ensino estabelecem as normas para realização com carga horária mínima no currículo, devendo executar habilidades e atitudes necessárias ao exercício profissional (BRASIL, 2003). É nesse período de aprendizagem que se consolida o aprendizado para formar profissionais mais capacitados e prepará-los para enfrentar o mercado de trabalho. Daí o valor do estágio ser a “essência que gera conhecimento, o motivador que produz o desenvolvimento da prática pedagógica” (BRUM, 2017).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério da Educação e Cultura, o Estágio Supervisionado promove integração do conhecimento a partir das vivências em diferentes práticas, favorecendo o exercício das ações de cuidar/cuidado para a consolidação do aprendizado anterior (BRASIL, 2018).

O estágio supervisionado é considerado a complementação curricular obrigatória, realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob a responsabilidade da Instituição de Ensino (DIAS, 2007). Ele oportuniza ao discente a "desenvolver competências associadas à aquisição de habilidades, que permitem identificar e adquirir conhecimentos determinantes para ampliar a qualidade da assistência" DIAS E STOLZ (2012).

O estágio contribui para acontecer “o crescimento profissional dos educandos, pois por meio das atividades e procedimentos desenvolvidos, muitos discentes tiveram a percepção de identificar em qual área pretendem atuar” (SCALABRIN, 2013).

O Estágio Curricular Supervisionado tem o intuito, de acordo com as diretrizes curriculares, de integrar a atenção individual e coletiva, teoria e prática, ensino e serviço, na perspectiva de formar um profissional apto a atender as demandas de saúde

da população brasileira, bem como contribuir ativamente com a construção do Sistema Único de Saúde - SUS, tanto na rede básica quanto na hospitalar (COSTA; GERMANO, 2007).

Ele ‘não deve ser considerado como emprego, mão de obra barata’, e sim reconhecer que as atribuições ocorrem devido as exigências atuais do mercado de trabalho sobre o ‘perfil de profissionais habilitados e preparados’, onde tudo isso perpassa pela formação supervisionada. Representa uma enorme “oportunidade para consolidar e aprimorar conhecimentos adquiridos, atuando diretamente no âmbito profissional e pode alavancar a inserção definitiva no quadro funcional de empresas e/ou instituições” (DIAS, 2007).

A procura pelos cursos técnico-profissionalizantes, em diversas áreas do conhecimento, tem sido estimulada pela oferta de vagas no mercado de trabalho. O mercado aquecido, derivado da crescente demanda na educação profissional, abriu espaço para diferentes instituições ofertarem serviços educacionais, tanto as públicas como também as escolas privadas (REDIN, 2015).

Atualmente é o citopatologista, o profissional responsável pela análise de laboratório das lâminas do teste de Papanicolaou, onde desde 2011 foi alterada a nomenclatura de citotécnico para técnico em citopatologia (FIOCRUZ, 2017) sendo esta a mesma formação dos alunos deste campo de estágio. Durante a formação técnica é este profissional que realiza “ações e procedimentos de citologia, além de ações educativas, promoção da saúde, prevenção de agravos e tratamento de doenças” (INCA, 2012).

Em estudos de mapeamento dos trabalhadores de nível técnico, Teixeira (2012), percebeu que dentre 10.372 trabalhadores que realizavam exames citopatológicos: 57 % tinham nível superior, 31% nível técnico e apenas quatro alunos tinham formação em citopatologia o que levar refletir a importância de ter novas formações nessa área técnica onde necessitam de capacitação e certificação.

Apesar de existir um quantitativo reduzido de cursos e instituições formadoras é possível refletir que a abrir novas turmas sem produzir aprendizagem significativa não produz qualidade ao final sendo necessário que a formação seja qualificada. Compreende-se que é através das atividades como estagiário que os profissionais adquirem compreensão e amadurecimento de suas práticas, olhar atento a todas as percepções para realizar descrições dentro da realidade mais próxima possível sobre o campo de prática representado de forma descrita, reproduzida por fazer sentido, para os estagiários, inferido em suas palavras ou expressões que aparecem explícita ou implicitamente nas entrevistas e relatórios, sendo expressivo perceber e promover sentido e significado às ações.

Segundo Macedo (2011), a importância da formação técnica amplia o desenvolvimento e fortalece as capacidades individuais e coletivas, provocando o “desenvolvimento de tecnologias que orientam, não apenas a relação entre profissional e usuário, mas o trabalho e o desempenho da equipe de saúde, em qualquer nível” (MACEDO, 2011).

O conhecimento do aluno deve ser valorizado “Para que o processo educativo alcance os sujeitos e transforme as práticas não se pode desvalorizar o saber preexistente (SOUZA, 2014). Stotz, David e Bornstein (2007), destaca sobre a construção de novos conhecimentos “Quando nos dispomos a ampliar o nosso próprio olhar para compreender o olhar da população, temos de optar por metodologias educativas que nos aproximem das pessoas, que lhes dêem voz, que as tornem mais fortes como sujeitos”

Esse envolvimento do discente também deve ser fortalecido desde o estágio com atividades de promovam o ‘convívio afetivo e o prazer no trabalho’. Cabendo permitir que a influência do trabalho seja “com a compreensão de fatores externos que condicionam determinadas situações e a percepção sobre a necessidade de uma postura propositiva na vida

e no trabalho” não sendo apenas como ato de questionar ou queixar e sim de reflexão -ação (SOUZA, 2014).

O interesse, satisfação e motivação precisam estar acionadas no estágio, sendo destaque a motivação que produz ‘envolvimento, comprometimento, dedicação e realização nas experiências cotidianas’. Para Souza e Reinert (2010), a motivação é “caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta(...) intenções, interesses, motivos.

Alguns fatos podem motivar ou interferir na satisfação, como por exemplo de grupos formado por amigos “identificação com o curso, interação e postura do professor e a percepção do ensino como algo proveitoso (Samulski 1995).

A satisfação dos alunos é um fator indissociável das categorias que atribuem qualidade ao ensino: atendimento, capacitação dos professores, métodos de ensino, atitude, conteúdo e infraestrutura. Pela percepção discente, conferir significados numéricos aos atributos de análise compreende desvendar indicativos sobre as potencialidades, fragilidades, ameaças e oportunidades, com vistas a qualificar o ensino escolar técnico profissionalizante (REDIN, 2015).

Segundo Redin (2015), a busca da qualidade no ensino e aprendizagem gera um desenvolvimento da aprendizagem. Em que produz a melhoria contínua dos processos pedagógicos, técnicos e administrativos da escola, com a procura permanente da excelência (REDIN, 2015).

Pensar sobre a educação permanente onde ao mesmo tempo sendo um processo contínuo, integrados ao processo de ensino ao mesmo tempo tem sentido e lados opostos mas é preciso fazer essa interlocução na prática, como afirma Ferreira (2016), ao referir que “a Educação Permanente é definida como uma estratégia que busca pelo desenvolvimento de pessoas para alcançar os objetivos da instituição, enquanto que a educação continuada é uma atividade de ensino após a formação inicial e tem por objetivo a atualização”.

A EPS está presente no cotidiano do trabalhador quando se percebe um agente transformador no trabalho onde suas ações atuam em reflexões e melhorias no serviço. A problematização tem o poder de gerar mudança através da nas práticas geradas pelo processo ensino-serviço, e assim contribuir com a melhoria da atenção à saúde pelos serviços de saúde. Dentro do processo de estágio a Educação Permanente em Saúde (EPS) é considerada uma “proposta ético-político-pedagógica que visa transformar e qualificar a atenção à saúde, os processos formativos, as práticas de educação em saúde, além de incentivar a organização das ações e dos serviços numa perspectiva intersetorial” (BRASIL, 2004).

Para Ceccin & Feuerwerker (2004), a produção de conhecimento dar-se pelo campo de prática de ensino e aprendizagem onde é pelo dia a dia que as situações novas são problematizadas provocando novas experiências. A aplicação prática no processo de ensino independente de qual seja a área é um ato transformador pois produz no campo de ensino a reflexão de ações de melhorias que qualificam a assistência.

Partindo desse princípio em que a construção das ações educativas produz transformações permanentes no cotidiano dos trabalhadores onde o fazer diferente se torna diferenciado e destaca o potencial da cada indivíduo, como afirma Mehry (2014), onde enquanto trabalhador é possível mudar o ponto de vista, e que o olhar “amplia nosso modo de enxergar a produção de mundos e a potência de suas diferenças”.

Pascoal, Mantovani e Méier (2009), refletem que a educação permanente requer um compromisso de cada um para ser aprendido e conquistado pelas mudanças de atitude que são inerentes às experiências vivenciadas. E esse compromisso deve ser vivenciado pelo formando como experiência única pois a etapa do estágio vem trazer momentos junto ao docente que na prática inicial enquanto trabalhador talvez não apresente igual oportunidade.

O processo educativo produz oportunidade de transformar a si e o outro no empoderamento como reproduz Freire (2004) apud Kleba (2016), em que “contribuir para a ampliação da autonomia e o empoderamento das pessoas requer ações e processos educativos autênticos, que oportunizem as pessoas assumirem a condição de sujeitos criativos, capazes de transformar a realidade e, a partir dessa transformação, transformar a si mesmos”. Neste sentido é onde as pessoas podem ser ativas no processo como destaca Freire (2001) sobre intervir favoravelmente pelas condições que oprimem à medida que toma consciência sobre a realidade a ser transformada que pode agir e transformar”.

A educação permanente nesse contexto adota uma perspectiva de aprendizagem em que o “trabalho, produção, educação em saúde parte de uma situação problema e se dirige a superá-la, mudá-la e transformá-la” (HADDAD, QJ; ROSCHKE, MAC; DAVINI, MC; 1994). Sendo isso um referencial para processo ativo no ensino serviço ser uma ideologia a ser buscada e aplicada, tornando o trabalho fazer sentido e produzir mudança nas ações cotidianas, tornando a EPS ser uma referência em transformação.

E baseando nisso que a Educação permanente conforme destaca Sarreta (2009), que também produz um “Exercício do diálogo, integração, participação, troca de experiências e de conhecimentos e a busca de respostas e soluções coletivas para problemas que impedem a atenção integral e de qualidade (...) estimula a formação e o desenvolvimento de profissionais” e que tudo isso visa produzir um serviço público de qualidade.

Pensando nisso é provável que nos dias atuais os profissionais atuem em diversas funções e muitas delas sem formação adequada, por vezes ainda falta de competência técnica e profissional. Desta forma, o estudo objetivou descrever a percepção dos alunos sobre o estágio como facilitador do processo de formação técnica embasado na Educação Permanente e especificamente, e relatar os pontos de vistas de acordo com os conceitos e práticas da EPS.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa aborda o método descritivo com abordagem qualitativo e quantitativa. O estudo teve como objeto os relatórios dos alunos do curso de citopatologia da ESPPE de um grupo em que todos os que realizaram o estágio supervisionado construíram seus relatórios e atuaram em seis laboratórios estaduais e municipais na região metropolitana do Recife, sem critérios de exclusão sendo a amostra composta por doze relatos.

Os dados foram secundários disponibilizados pela ESPPE e o relatório descreveu as atividades durante o estágio bem como seus pontos de vista. Os relatos foram tabulados em excel, organizados e analisados de acordo com as categorias temáticas para descrever melhor seus comentários a respeito do estágio e as contribuições para o processo de formação do curso técnico em citopatologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos dos alunos trouxeram considerações tendo em vista que o processo de estágio embasa a formação do profissional. A experiência do estágio oportuniza o sujeito aprender a ensinar, a se relacionar, a construir um saber pessoal, pois “ninguém é capaz de produzir uma definição de saber que satisfaça todo mundo, assim como que é no “dia a dia do trabalho que se está permanentemente produzindo conhecimento” (MERHY, 2015; TARDIF, 2002).

Dentre os alunos, foi observado que conseguem alguns percebem a EPS (66%) embora não destacam o seu conceito consideram que tem um vínculo entre as atividades que realizam no dia a dia e faz uma relação com o processo de formação. Se a EPS reflete a possibilidade de uma aprendizagem capaz de transformar as práticas sendo perceptível por um grupo de alunos

quando elogiam a estrutura curricular e a proposta pedagógica “aprendendo no contexto da EPS”. Mencionam ainda que suas práticas foram aprimoradas ao final da prática vivenciada.

Destaca a percepção sobre o aluno ser trabalhador e já conhecedor da sua função onde encontra-se realizando o curso para obter um certificado, enquanto o notório saber já se encontra no cotidiano de suas práticas precisando ser aprimoradas e despertadas para o processo de transformação. O trabalho apontou que quando se problematiza na prática e há questionamentos pode transformar o outro simplesmente pelo incômodo, que gera a mudança por perceber a insatisfação do sistema ou ambiente laboral que produz a busca por melhorias e assim tornar o profissional ser mais produtivo.

Existem considerações diversas dos alunos para qualificar o tipo de ação educativa onde a educação permanente realiza esforços para modificar o ambiente de trabalho e produz sentido na aplicação; alguns consideram e refletem que o que estavam produzindo no estágio a educação do tipo continuada que seriam atividades que produzem conhecimentos que nem sempre é interligado ao trabalho e sim o mero desejo de aprender um conteúdo sem estar relacionado a sua prática em si. Portanto a EPS se propõe a desenvolver um papel intensificado, ativo “mais significativo, tendo a experiência prévia do sujeito superior aos modelos tradicionais” (BRASIL, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é um campo de prática muito importante pois é nesse período de aprendizagem em campo que se consolida o aprendizado teórico para formar profissionais mais capacitados e prepará-los para enfrentar o mercado de trabalho, que se encontra cada vez mais competitivo. Ficou perceptível que o estágio supervisionado na escola de saúde pública utiliza a EPS como base para a formação técnica desses trabalhadores sendo referência para qualificação provocando reflexão sobre as práticas de ensino aprendizagem. As vivências vêm reforçar o ponto de vista de um educando em formação profissional, suas necessidades e expectativas superadas na prática, pontuando terem sido mais qualificados, capazes de identificar e discutir os processos à sua formação técnica. Ainda existe a necessidade de novos estudos nessa ótica e que as instituições formadoras reflitam sobre as práticas de ensino-serviço onde fortalecer esse tipo de formação é essencial, e é nisso que a Educação Permanente encontra força nas práticas do trabalho.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Subsecretaria de Assuntos Administrativos. Educação Permanente em Saúde: um movimento instituinte de novas práticas no Ministério da Saúde: Agenda 2014. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

BRASIL. LEI 9394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 30 ago. 2018

BRASIL. Ministério De Educação. Catálogo Nacional De Cursos Técnicos. Disponível em: <http://pronatec.mec.gov.br/cnct/perguntas_frequentes.php>. Acesso em: 2 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de gestão da Educação na Saúde. Política de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente e pólos de educação permanente em saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.

BRUM, Basilio Cilenio Martins; FREITAS, Maria Cecilia Martinez Amaro. Contribuições do estágio na formação docente em pedagogia do centro universitário de anápolis: uma visão discente. Revista Educação & Mudança, v. 2, n. 32, p. 01-15, 2017.

CECCIM, Ricardo Burg; FEUERWERKER, Laura C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis [online]. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2004.

COSTA, L. M.; GERMANO, R. M. Estagio curricular supervisionado na graduação em enfermagem: revisando a literatura. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 60, n. 6, p. 706-710, 2007.

DIAS, D. G.; STOLZ, P. V. Projeto de extensão “Vivências para acadêmicos de enfermagem no Sistema Único de Saúde” na perspectiva do acadêmico. Journal of Nursing and Health, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 440-445, 2012.

DIAS, J. M. Manual do Estagiário, 2007. IFAM Campus São Gabriel da Cachoeira. São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, 2007.

DOURADO, L. F; OLIVEIRA, J. F; SANTOS, C. A. A qualidade da educação: conceitos e definições. Brasília: Inep, 2007.

DOS SANTOS, Mirely Ferreira; DE OLIVEIRA, Regiane Dias; DOS SANTOS RODRIGUES, Jacinta Ferreira. ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIAS DOS DISCENTES DO CURSO TÉCNICO EM ENFERMAGEM. **Nexus-Revista de Extensão do IFAM**, v. 3, n. 1, 2017.

EVANGELISTA, D. L.; PEREIRA, O. I. Contribuições do Estágio Supervisionado para a formação do profissional de Enfermagem. Revista de Enfermagem Contemporânea, v. 3, n. 2, p. 123-130, 2014.

FERREIRA, Elisangela Aparecida Ludovico. Educação permanente e continuada: é uma realidade nos serviços de saúde. Sínteses: Revista Eletrônica do SIMTEC, v. 4, n. 4, p. 318-318, 2016.

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro; 2001.

FIOCRUZ. Técnico em citopatologia. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

HADDAD QJ, ROSCHKE MAC, DAVINI, MC. Educacion Permanente de Personal de Salud. Washington: OPS; 1994

HENRIQUES, Alexandre Cruz et al. Colecistectomia videolaparoscópica ambulatorial. Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, v. 28, n. 1, p. 27-29, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcbc/v28n1/05.pdf>> acesso em: 20 de ago.2018.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Coordenação Geral de Prevenção e Vigilância. Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede. Manual de gestão da qualidade para laboratório de citopatologia Rio de Janeiro: Inca, 2012.

KLEBA, Maria Elisabeth et al. Trilha interpretativa como estratégia de educação em saúde: potencial para o trabalho multiprofissional e intersetorial. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 20, p. 217-226, 2015.

MACEDO, Bruno Costa de. Política Nacional de Educação em saúde: a experiência de Pernambuco. Recife: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://www.cpqam.fiocruz.br/bibpdf/2010macedo-bc.pdf>>. Acesso em: 1 set. de 2018.

MERHY, Emerson Elias. Educação Permanente em Movimento: uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. *Saúde em Redes*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://revista.redeunida.org.unida/article/view/309>>. Acesso em: 01 set. 2018.

MERHY, Emerson Elias. Educação Permanente em Movimento- uma política de reconhecimento e cooperação, ativando os encontros do cotidiano no mundo do trabalho em saúde, questões para os gestores, trabalhadores e quem mais quiser se ver nisso. *Saúde em Redes*, v. 1, n. 1, p. 07-14, 2014.

PASCHOAL, Amarílis Schiavon; DE FÁTIMA MANTOVANI, Maria; MÉIER, Marineli Joaquim. Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 41, n. 3, p. 478-484, 2007.

REDIN, Ezequiel et al. SATISFAÇÃO DE DISCENTES SOBRE A FORMAÇÃO TÉCNICA E PROFISSIONAL EM INSTITUIÇÕES PÚBLICA E PRIVADA (RIO GRANDE DO SUL, 2013). *HOLOS*, v. 3, p. 166-181, 2015.

SARRETA, F. O. Educação permanente em saúde para os trabalhadores do SUS. 2009.

SAMULSKI, D. Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista UNAR. Disponível em: Acesso em**, v. 21, 2013.

SOUZA, S. A; REINERT, J. N. Avaliação de um curso de ensino superior através da satisfação/insatisfação discente. *Avaliação (Campinas)*. v.15, n.1, p. 159-176, 2010.

SOUZA, Kátia Mendes de et al. Práticas pedagógicas de Educação Popular em Saúde e a formação técnica de Agentes Comunitários de Saúde no município do Rio de Janeiro, Brasil. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, p. 1513-1522, 2014.

Disponível em: < https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832014000701513&script=sci_arttext&tlng=en > acesso em 02 set. 2018

STOTZ EN, DAVID HMSL, BORNSTEIN VJ. Educação popular em saúde. In: Martins CM,



STAUFFER AB, organizadores. Educação e Saúde. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz; 2007. p. p.35-70. (Coleção Educação Profissional e docência em saúde: a formação e o trabalho do agente comunitário de saúde; (p. 44)

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Vânia Maria Fernandes et al. Mapeamento dos trabalhadores de nível técnico na área de citotecnologia no Brasil. Rev Bras Cancerol, v. 58, n. 4, p. 663-73, 2012.